



CONHECIMENTOS, CONTROVÉRSIAS E RISCOS DO NEGACIONISMO CLIMÁTICO: DISPUTA PELO CLIMA

Priscilla Correa de Moura Estevão¹

¹Doutoranda do Centro de Estudos Sociais/ Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Analista Ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, priscillaestevao@ces.uc.pt

GT 05: Aspectos críticos, oportunidades e desafios para o enfrentamento da crise climática.

RESUMO

O artigo aborda o negacionismo climático como um fenômeno complexo enraizado em disputas de poder, valores e interesses econômicos, e não somente em falhas de compreensão científica. Destaca o robusto consenso científico sobre as mudanças do clima e, paradoxalmente, a persistência da desinformação e dos ataques à ciência, muitas vezes, impulsionados por setores econômicos que se beneficiam da inação. Utilizando de lentes teóricas como o realismo crítico, os conhecimentos situados e a economia social ecológica, o ensaio analisa táticas como o *greenwashing* e a obstrução climática, argumentando que essas estratégias mascaram a gravidade da situação e atrasam as ações efetivas, mencionando o caso *Climategate* como exemplo. O objetivo central é denunciar a crise climática como um sintoma da crise estrutural do capitalismo e defender uma transformação radical nos sistemas econômicos por meio de diversos conhecimentos para uma resposta coletiva e urgente.

Palavras-chave: Controvérsias; economia social ecológica; negacionismo.

Destaques (highlights)

- Aprofunda a análise das controvérsias climáticas através de um arcabouço teórico específico que envolve o realismo crítico, os conhecimentos situados e a economia social ecológica;
- Destaca, identifica e exemplifica o *greenwashing*, o negacionismo e o obstrucionismo climático como táticas de desinformação e de atrasos nas ações sociopolíticas por interesses econômicos para postergar mudanças estruturais;
- Apresenta uma crítica contundente à economia neoclássica, indicando-a como uma barreira epistêmica à ação climática;
- Constata que o negacionismo climático é um projeto político e não um erro de percepção que, orquestrado pela economia política *mainstream*, busca a manutenção do *status quo* e protege os interesses hegemônicos.



INTRODUÇÃO

Vivemos um momento sem precedentes de uma polícrise¹ global e complexa. Os efeitos em cascata das mudanças climáticas são difíceis de prever e de controlar. Elevação do nível do mar, secas extremas, colapsos ecológicos e eventos climáticos violentos já estão em curso e, como são cada vez mais frequentes, ameaçam a estabilidade dos sistemas naturais que sustentam a vida na Terra. Em 2021, na abertura da COP-26, António Guterres alertou que “estamos cavando nossa própria cova”² porque insistimos em modelos de crescimento que se baseiam em queima de combustíveis fósseis e na destruição da biodiversidade.

Diante desse cenário, existe um consenso robusto entre os cientistas que afirmam que o aquecimento global é real, de origem antropogênica e requer ação urgente. Estudos recentes acerca das mudanças climáticas apontam que a atividade humana é o principal fator que causa o aquecimento global. Essa concordância científica aparece em mais de 99% dos periódicos revisados por pares e publicados até 2020 (Cook *et al.*, 2014; Lynas, Houlton & Perry, 2021). Paradoxalmente, o amplo consenso científico coexiste com controvérsias públicas, com ataques à ciência e a disseminação de desinformação.

O descompasso entre o consenso científico e a percepção pública e política do problema favorece a instrumentalização de alegações ecológicas falsas que são, muitas vezes, geradas por interesses econômicos com o objetivo de postergar mudanças estruturais. Um exemplo emblemático dessa instrumentalização é o *greenwashing* – prática estratégica em que governos, empresas e outras organizações divulgam uma imagem de responsabilidade ambiental, sem que isso se traduza em ações concretas, causando distorção nas informações sobre as questões ecológicas e climáticas (Hill *et al.*, 2025; Roos, 2025).

Donna Haraway, Anna Tsing e demais especialistas, estudiosas do Antropoceno, concordam que as mudanças climáticas não afetam da mesma forma todas as regiões do mundo e nem causam impactos idênticos na percepção de todos. Em locais onde os efeitos ainda não são sentidos de forma evidente, é comum que as pessoas duvidem da gravidade ou até da existência do problema (Haraway *et al.*, 2016). A participação pública, frequentemente

¹ <https://aterraeredonda.com.br/bem-vindo-ao-mundo-da-policrise/>

² <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/estamos-cavando-nossa-propria-cova-diz-secretario-geral-da-onu-na-cop26/>.



ressaltada nos apelos à ação climática (Hügel & Davies, 2020), ganha ainda mais importância na visão de Sheila Jasanoff. Para a autora, compreender a urgência das alterações climáticas exige mais do que simples acordos entre especialistas e requer um amplo engajamento cívico e processos democráticos de construção de sentido e ação coletiva (Jasanoff, 2010). Sendo um fenômeno profundamente controverso, um consenso sobre a crise climática se tornaria mais completo a partir da crítica aos modelos econômicos capitalistas.

Nesse contexto, surge a economia social ecológica que abre caminhos e busca soluções para desafiar diretamente a lógica da mercadoria, do imperativo do crescimento ilimitado e da acumulação, assumindo uma “oposição a vários tipos de economias, instituições, organizações e seus valores”³ (Spash, 2024, p. 116). Para Spash, a ideia de rejeição à mercantilização da natureza é fundamental. O autor propõe uma mudança paradigmática baseada na limitação biofísica do crescimento e na reorientação da economia em direção ao bem-estar coletivo e intergeracional.

O objetivo deste ensaio é analisar as controvérsias que permeiam a ciência do clima e apontar os riscos associados ao negacionismo climático. Inspirada na filosofia original de Bhaskar (2010) sobre o realismo crítico, adotamos a perspectiva da economia social ecológica como a principal lente teórica-metodológica, à luz das contribuições de Clive Spash (2024), para investigar as controvérsias e os riscos como fenômenos sociais complexos marcados por disputas de valores, de interesses e de produção de conhecimentos.

A CIÊNCIA DO CLIMA E O REALISMO CRÍTICO

A análise da produção da ciência do clima com base na abordagem filosófica do realismo crítico busca entender as “conexões substanciais entre os fenômenos” (Sayer, 2000, p. 31) e as contradições estruturais que limitam outras formas de conhecer e viver no planeta.

O Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas (IPCC) foi criado para integrar conhecimento científico qualificado à política climática global. No entanto, suas formulações tornaram-se palco de disputas entre visões divergentes sobre a governação e a produção de conhecimento do clima (Jasanoff, 2010, p. 240). Segundo Jasanoff, a ciência do clima tende a separar o conhecimento do significado e desvincular os fatos globais impessoais

³ Tradução livre.



dos valores locais e da experiência incorporada. Por isso, existem respostas culturais distintas às afirmações científicas. A autora anuncia que “para que as mudanças climáticas tenham um significado global convincente, a comunidade planetária que precisa aderir a esse sistema de significado ainda está a nascer”⁴ (Jasanoff, 2010, p. 237). A fim de que as sociedades aceitem e apliquem os saberes científicos, Jasanoff aponta a confiança e a credibilidade como aspectos fundamentais em um diálogo contínuo e plural sobre o conhecimento ambiental em sociedade. Todavia, é decepcionante reconhecer que as preferências e as exigências de cidadãos e de organizações civis são ignoradas em acordos internacionais, como aconteceu na Conferência da COP-15 em Copenhague em 2009, por exemplo (Jasanoff, 2010, pp. 247-248).

Para Clive Spash, o realismo crítico oferece uma ferramenta poderosa aos economistas sociais ecológicos por revelar a crítica dos modelos que ignoram os limites biofísicos do planeta. Baseando-se na ideia de que o realismo crítico exerce um papel transformador e potencialmente emancipatório, Spash (2024) propõe que a produção de conhecimento se comprometa com a transformação social na investigação não apenas dos sintomas, mas, sobretudo, dos mecanismos estruturais que originam as crises. Para compreender e desenvolver respostas adequadas às alterações climáticas é primordial adotar uma abordagem interdisciplinar que leve em consideração o estudo biofísico do clima conjugado com a análise das estruturas sociais e dos valores culturais e éticos que orientam a ação humana (Bhaskar *et al.*, 2010; Spash, 2024).

O realismo crítico situa a realidade em três diferentes domínios: o real, o atual e o empírico. Geralmente, a realidade transcende a compreensão das pessoas, ou seja, acontecimentos ocorrem independentemente do entendimento humano. Ao surgirem condições que passam despercebidas e que causam consequências imprevistas, soa o alarme para os limites do empirismo, onde nem tudo que é real é imediatamente observável e compreendido. Assim sendo, práticas destrutivas podem parecer inofensivas até que seus efeitos se tornem compreensíveis e, muitas vezes, tarde demais para agir. O realismo crítico, portanto, prenuncia uma visão esperançosa da ciência e demonstra relevância prática para as nossas vidas

⁴ Tradução livre.



cotidianas, aproximando os conhecimentos produzidos aos desafios e contextos reais que enfrentamos (Sayer, 2000; Bhaskar *et al.*, 2010; Spash, 2024).

PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS E CONTROVÉRSIAS

Para o avanço do conhecimento científico, é crucial compreender os elementos essenciais que o moldam. Embora nenhuma abordagem filosófica – nem mesmo o realismo crítico – possa assegurar um acesso definitivo à verdade, uma análise crítica é indispensável para orientar e refinar continuamente nossos métodos e teorias para o conhecimento.

Reconhecer que não existe uma forma única de entender o mundo que nos rodeia é fundamental para compreender e colocar em perspectiva as controvérsias. Também é preciso lembrar que o propósito do conhecimento não se limita à compreensão, ele deve contribuir para a transformação do mundo. Por isso, o pensamento acadêmico precisa ser colocado em prática com o compromisso de servir à sociedade, iluminando desafios e problemas reais a partir de outras perspectivas, da multiplicidade de pontos de vista e de saberes potencialmente transformadores.

É nesse horizonte que se insere a crítica epistemológica de Haraway, quando apresenta a proposta dos conhecimentos situados (*situated knowledges*). Para ela, toda a produção do saber é marcada por uma posição histórica, política, corporal e, portanto, não existe conhecimento que possa reivindicar uma neutralidade absoluta. Ao contrário, “apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva”⁵ (Haraway, 1995 [1988], p. 21). A objetividade na produção de conhecimento não reside na neutralidade, mas na consciência crítica e responsável do lugar de onde se fala. Essa abordagem desafia a ideia de uma ciência universal, neutra e descontextualizada, e convida à valorização de saberes plurais, feministas, de povos indígenas, comunidades tradicionais, ativistas e ecologistas que historicamente foram subjugados nos processos de validação científica. Logo, incorporar os saberes localizados, parciais e críticos significa ampliar o escopo da racionalidade científica e reconhecer que toda a produção de conhecimento está imersa em relações de poder, afetos e responsabilidades mútuas (Haraway, 1995 [1988]).

⁵ Tradução livre.



A crítica de Haraway à objetividade tradicional da ciência moderna é potente para se repensar a produção dos conhecimentos em tempos de crise climática. Clive Spash, por sua vez, ao desenvolver os fundamentos da economia social ecológica, converge com Haraway ao criticar a abstração despolitizada da racionalidade econômica dominante. Spash (2024) denuncia a falsa objetividade dos modelos econômicos neoclássicos que ignoram os contextos ecológicos e sociais concretos em nome de uma suposta neutralidade técnica. Assim como Haraway, Spash defende que os conhecimentos relevantes para enfrentar a crise climática devem ser reflexivos, situados e comprometidos com a transformação social e ecológica.

Ao examinar as controvérsias climáticas, articulando os conhecimentos de ambos os autores mencionados acima, entende-se que as divergências que aparecem não se restringem apenas à discussão que envolve a interpretação dos dados científicos, dos efeitos dinâmicos e das respostas às mudanças do clima. As controvérsias climáticas refletem também os embates entre diferentes visões de mundo, onde distintos interesses, valores e saberes se confrontam. Dito de outro modo, as controvérsias climáticas são disputas ontológicas, não são meros erros interpretativos ou pura ignorância. Assim, a integração entre os conhecimentos situados e a economia social ecológica converte as controvérsias em possibilidade de aprendizado mútuo. Mais do que escolher “um lado certo da história” e forçar uma polarização, trata-se de cultivar uma política de “fazer parentesco”⁶ (Haraway, 2015). Nesse sentido, as controvérsias climáticas podem e devem ser ressignificadas. Elas não se encerram nas disputas, ao contrário, abrem o campo do possível com a tarefa societal de compartilhar responsabilidades.

RISCOS DO NEGACIONISMO CLIMÁTICO

No contexto climático, as controvérsias são abundantes. Embora exista um consenso científico entre os especialistas, alguns cientistas alinham-se aos interesses econômicos e políticos e alimentam a desinformação. O negacionismo do clima é pseudocientífico. Entender o que diferencia a ciência da pseudociência é uma questão filosófica fundamental. A distinção entre a negação das mudanças climáticas, que distorce ou rejeita fatos comprovados para desacreditar a ciência, e o ceticismo científico legítimo, que questiona com base em evidências, se faz

⁶ Tradução livre.



necessário (Spash, 2024). Esse tipo de manipulação que rejeita dados validados sem apresentar argumentos científicos sólidos, mina a confiança pública e fragiliza as decisões. No momento em que os esforços para combater as alterações climáticas e seus impactos se mostram mais urgentes do que nunca, a narrativa negacionista aumenta o risco socioecológico ao atrasar ações e políticas efetivas.

As alterações climáticas são um fenômeno global tão complexo que produz discordâncias nas formas estabelecidas de compreender o lugar da humanidade na natureza (Jasanoff, 2010). Em 2024, ondas de calor, incêndios e tempestades severas pressionaram ecossistemas frágeis e espécies vulneráveis, enquanto campanhas negacionistas continuaram a minar a conscientização, apesar do consenso científico.

Essas campanhas envolvem grandes corporações dos setores petrolífero e de combustíveis fósseis a uma ampla rede de atores da classe política e da mídia hegemônica que se emaranham e resistem a aceitar a realidade, prosseguindo na disseminação da ideia de que o aquecimento global é uma farsa. Cabe aos intelectuais radicais demonstrar com detalhes como as ações alternativas⁷ futuras podem se fundamentar nas estruturas e nos conhecimentos já existentes. Sem essa base crítica, seus argumentos para a mudança não serão persuasivos (Bhaskar *et al.*, 2010).

Steve Keen, renomado cientista, faz uma crítica contundente ao vencedor do Prêmio Nobel de Ciências Econômicas de 2018, William Nordhaus. Para Keen, Nordhaus representa a categoria de economistas neoclássicos que são despreocupados com os custos das mudanças catastróficas e dos intensos impactos climáticos nos sistemas terrestres. Trabalhos como o de Nordhaus podem ser contestados e apresentados como “a farsa mais significativa e perigosa da história da ciência”⁸, pois trazem a estimativa de que 87% do PIB mundial não sofrerá impacto com o aumento das temperaturas por meio do aquecimento global, enfatiza Keen (2021, p. 1151). É surpreendente perceber que, em geral, os economistas convencionais estão predispostos a minimizar a importância das mudanças climáticas quando alegam que o aumento das temperaturas é benéfico à economia (Keen, 2021).

⁷ Como enfatiza Spash (2024, p. 219, tradução livre), “existem apenas alternativas”.

⁸ Tradução livre.



Em situações de crise, os governos e os sistemas econômicos se mostram lentos e despreparados para lidar com as incertezas e imprevisibilidades. A pandemia de coronavírus, por exemplo, evidenciou empiricamente a correlação direta entre crescimento econômico e degradação ambiental, já que as políticas adotadas para interromper as atividades econômicas diminuíram a poluição gerada pelos sistemas produtivos (Spash, 2021). Partindo da relação entre crescimento do PIB, consumo de energia e emissões de CO₂, Keen (2021, p. 1163) critica o método de “abordagem transversal” de Nordhaus que mascara estatisticamente o fato de que existe relação entre o consumo de energia, que impulsiona o PIB que, por sua vez, determina as emissões de CO₂ e, conseqüentemente, o aquecimento global. Os modelos estatísticos de economistas como Nordhaus mascaram a relação causal entre PIB, energia e emissões e são reveladores do modo como a economia dominante se apresenta: como uma barreira epistêmica à ação climática.

Os economistas *mainstream* promovem a ideia de que é possível “uma reformulação suave das economias capitalistas em face das crises e, especificamente, da crise ambiental”⁹ (Spash, 2021, p. 1090). Esta é uma importante questão no mundo atual, porque à medida que a temperatura aumenta não temos tempo para a propagandeada *soft reformulation*. O conhecimento sobre as alterações climáticas requer uma transformação “para ontem” na estrutura dos sistemas econômicos dominantes.

O negacionismo climático consiste na minimização ou rejeição de dados e evidências sobre as mudanças do clima e se manifesta como uma estratégia orquestrada da economia política ortodoxa. Segundo Spash, “o fato de economistas praticarem uma má ciência não é razão para desistir da ciência, mas sim desistir da má prática”¹⁰ (Spash, 2024, p. 70). A empresa multinacional de gás e petróleo ExxonMobil é um exemplo desse mecanismo nefasto quando nega publicamente o aquecimento global, apesar dos estudos realizados por seus próprios cientistas que comprovam os efeitos negativos da queima de combustíveis fósseis (Supran & Oreskes, 2017 *apud* Hill *et al.*, 2025).

Os riscos do negacionismo climático são potencializados quando combinados com as práticas de *greenwashing* – estratégia de marketing para promover uma imagem de

⁹ Tradução livre.

¹⁰ Tradução livre.



responsabilidade ambiental sem mudanças reais, que se configura como uma manifestação atual das dinâmicas históricas de exploração social e ecológica (Roos, 2025). Ambos os fenômenos, negacionismo e *greenwashing*, estão interligados e reforçam um ciclo de inação, contribuindo para desviar a atenção das medidas necessárias para enfrentar a crise climática. Ao mascarar a gravidade das crises, em especial a crise ecológica e climática, e divulgar que os problemas ambientais estão sendo gerenciados, o *greenwashing* legitima posições negacionistas que argumentam contra a necessidade de mudanças profundas.

Hill e colaboradores (2025) testaram e refinaram, empiricamente, a primeira ferramenta interdisciplinar validada por pares para investigar a ocorrência de *greenwashing*. Essa ferramenta se revela importante em um cenário de crescente contestação ao saber científico, pois expõe práticas enganosas sistemáticas, como ocultação de dados, publicidades exageradas e divulgação de informações sem comprovação, após a avaliação de grandes corporações de combustíveis fósseis, aviação, entretenimento, agricultura e eletrônicos.

Atualmente, o conceito emergente e complexo que faz fronteira com o negacionismo do clima e incorpora comportamentos que se assemelham aos do *greenwashing* é a obstrução climática. Segundo Dunlap e Brulle (2020, *apud* Hill *et al.*, 2025), corporações e outros atores estruturam redes robustas, bem financiadas, que ativamente impedem o avanço de políticas climáticas significativas. Os “obstrucionistas” enfatizam os efeitos sociais negativos dessas políticas, levantando dúvidas quanto à viabilidade da mitigação e afirmando a ocorrência de prejuízos econômicos. A obstrução climática combina o *greenwashing* com o negacionismo velado, usando redes corporativas para semear dúvidas, atrasar políticas essenciais para conter a crise climática e proteger os interesses corporativos e políticos que se beneficiam do *status quo*. O episódio *Climategate*, exemplificado a seguir, demonstra de forma emblemática como o negacionismo climático e as táticas de desinformação e de manipulação retórica características do *greenwashing* podem desacreditar a ciência e retardar a implementação de políticas ambientais urgentes.

Às vésperas da COP-15 realizada em dezembro de 2009, em Copenhague, um escândalo abalou o debate climático global. Em 28 de novembro daquele ano, a imprensa britânica



publicou um editorial – o *Climategate*¹¹ – denunciando o vazamento de milhares de documentos da Unidade de Pesquisa Climática da Universidade de East Anglia, Reino Unido. A divulgação midiática dos *e-mails* e dos arquivos trocados entre cientistas climáticos foi explorada por grupos que se opunham às regulamentações climáticas como suposta evidência de manipulação de dados científicos sobre o aquecimento global.

O professor e climatologista Phil Jones, então diretor da Unidade de Pesquisa Climática, coordenava os dois principais conjuntos de dados utilizados pelo IPCC na formulação de seus relatórios sobre o clima. Além dele, outro nome envolvido no *Climategate* foi Michael E. Mann, climatologista norte-americano conhecido por sua contribuição ao famoso gráfico de “taco de hóquei” que colocou em evidência o aumento abrupto das temperaturas globais nos últimos séculos. Embora as investigações independentes tenham posteriormente inocentado os dois pesquisadores de qualquer fraude¹², o episódio teve forte repercussão significativa na opinião pública e contribuiu para enfraquecer o ímpeto político da COP-15, que finalizou sem um acordo climático vinculativo para a redução de emissões de gases de efeito estufa.

Analisando por outro ângulo, é necessário e relevante reconhecer que o *Climategate* expôs falhas reais na cultura científica, tais como opacidade metodológica, elitismo acadêmico e dificuldade de comunicação pública. Com base no pensamento crítico de Haraway podemos afirmar que a ciência precisava dessa crise para se repensar e vislumbrar outros caminhos de uma revolução epistêmica que se mantém no horizonte do possível.

Após todo o escândalo, Mann se tornou um elemento central na defesa da ciência climática frente ao negacionismo. Em parceria com Tom Toles, um cartunista político, Mann, denuncia a hipocrisia tecnológica e a desinformação de céticos que tentam minar a credibilidade da pesquisa climática, utilizando de sátira, ironia e comédia (Mann & Toles, 2016). Na realidade, a crença em uma solução tecnológica para a crise climática, ou seja, o tecno-otimismo a que Haraway se refere, é absurdamente assustador (Haraway *et al.*, 2016).

¹¹ <https://www.telegraph.co.uk/comment/columnists/christopherbooker/6679082/Climate-change-this-is-the-worst-scientific-scandal-of-our-generation.html>.

¹² <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/04/climategate-nova-investigacao-absolve-cientistas-de-ma-fe.html>.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo oferece um contributo à comunidade acadêmica ao desvelar as dinâmicas políticas e epistemológicas que sustentam o fenômeno do negacionismo climático, transcendendo à reafirmação do consenso científico. Ao articular o realismo crítico de Bhaskar, os saberes situados de Haraway e a economia social ecológica de Spash, demonstramos que as controvérsias climáticas são expressões de conflitos estruturais, não apenas epistemológicos, mas políticos e econômicos. Ao analisar o *greenwashing* e a obstrução climática revelamos que as táticas discursivas de atraso estão mascaradas sob retóricas de neutralidade técnica e são disseminadas por corporações e setores da mídia que perpetuam a inação.

Controvérsias climáticas não derivam de lacunas científicas, mas de disputas de poder e valores. A credibilidade da ciência exige diálogos plurais com saberes excluídos. O negacionismo corporativo (pseudociência e táticas como o *Climategate*) e a economia neoclássica, que ignora limites biofísicos, atuam como barreiras epistemológicas para proteger os interesses hegemônicos.

Assim, a partir desse ensaio abrem-se novas fronteiras para futuras pesquisas que busquem como objetivo investigar as redes de obstrução climática que promovem discursos de atraso e influenciam as políticas nacionais. Sob a ótica da economia social ecológica, tais pesquisas podem apontar caminhos para fora do sistema. Um diálogo amplo com os movimentos sociais para investigar casos concretos de *greenwashing* usando ferramentas validadas (como a de Hill *et al.*, 2025) e mapear práticas contra-hegemônicas e táticas territorializadas de resistência aos discursos de atraso são percursos investigativos sugeridos.

O negacionismo climático não é um erro de percepção, mas um projeto político em disputa pela manutenção do *status quo*. As controvérsias que permeiam o negacionismo não se resolvem com o acréscimo de dados, mas com a luta política e as alianças epistêmicas plurais. Em última instância, esse artigo mostra que não basta diagnosticar, é preciso denunciar a crise do clima como um sintoma mórbido da crise estrutural do capitalismo. O caminho é evidente: ou rompemos com essa lógica ou cavamos nossa própria cova, cada dia mais funda e cada vez mais rápido.



REFERÊNCIAS

- Bhaskar, R., Frank, C., Høyer, K. G., Næss, P. & Parker, J. (2010). *Interdisciplinarity and climate change: transforming knowledge and practice for our global future*. New York: Routledge. ISBN 0203855310.
- Cook, J., Nuccitelli, D., Skuce, A., Way, R., Jacobs, P., Painting, R., Honeycutt, R. & Green, S.A. (2014). Reply to comment on ‘quantifying the consensus on anthropogenic global warming in the scientific literature: a reanalysis’. *Energy Policy*, 73, 706-708. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1016/j.enpol.2014.06.002>.
- Haraway, D. (1995 [1988]). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), p. 7–41. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>.
- Haraway, D. (2015). Anthropocene, capitalocene, plantationocene, chthulucene: making kin. *Environmental humanities*, 6(1), p. 159-165. Disponível em <https://doi.org/10.1215/22011919-3615934>.
- Haraway, D., Ishikawa, N., Gilbert, S. F., Olwig, K., Tsing, A. L. & Bubandt, N. (2016). Anthropologists are talking – about the anthropocene. *Ethnos*, 81(3), p. 535-564. Disponível em <https://doi.org/10.1080/00141844.2015.1105838>.
- Hill, S., Nemes, N., Montgomery, A. W., Scanlan, S. J., McNally, B., Tubiello, F. N., Aronczyk, M., Wood, T., Smith, T. & Kaupa, C. (2025). Testing the greenwashing assessment framework. *Ecology and Society*, 30(2): p. 31. Disponível em <https://doi.org/10.5751/ES-16106-300231>.
- Hügel, S. & Davies, A. R. (2020). Public participation, engagement, and climate change adaptation: A review of the research literature. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change*, 11(4), p. e645. Disponível em <https://doi.org/10.1002/wcc.645>.
- Jasanoff, S. (2010). A new climate for society. *Theory, Culture & Society*, 27(2-3), p. 233-253. Disponível em <https://doi.org/10.1177/0263276409361497>.
- Keen, S. (2021). The appallingly bad neoclassical economics of climate change. *Globalizations*, 18(7), p. 1149-1177. Disponível em <https://doi.org/10.1080/14747731.2020.1807856>.
- Lynas, M., Houlton, B. & Perry, S. (2021). Greater than 99% consensus on human caused climate change in the peer-reviewed scientific literature. *Environmental Research Letters*, 16, p. 114005. Disponível em <https://doi.org/10.1088/1748-9326/ac2966>.
- Mann, M. E. & Toles, T. (2016). *The madhouse effect: how climate change denial is threatening our planet, destroying our politics, and driving us crazy*. Columbia: University Press. Disponível em <https://michaelmann.net/books/the-madhouse-effect/>.



Roos, A. (2025). Greenwashing: a critical realist approach to the study of false ecological claims. *Journal of Critical Realism*. Disponível em <https://doi.org/10.1080/14767430.2025.2503634>.

Sayer, A. (2000). Características chave do realismo crítico na prática: um breve resumo. Estudos de Sociologia, *Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*, 6(2), p. 7-32. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revsocio/article/view/235465>.

Spash, C. (2021). ‘The economy’ as if people mattered: revisiting critiques of economic growth in a time of crisis. *Globalizations*, 18(7), p. 1087-1104. Disponível em <https://doi.org/10.1080/14747731.2020.1761612>.

Spash, C. (2024). *Foundations of social ecological economics: The fight for revolutionary change in economic thought*. ISBN: 9781526191540.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: Durante a elaboração deste trabalho, a autora utilizou a ferramenta Tradutor DeepL com o objetivo de tradução das referências bibliográficas para a língua portuguesa e a ferramenta NotebookLM com o objetivo de obter notas de resumo. Após o uso destas ferramentas, a autora revisou e editou o conteúdo conforme necessário e assume total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

FINANCIAMENTO: Esta pesquisa não recebeu nenhuma subvenção específica de qualquer agência de financiamento dos setores público, privado ou sem fins lucrativos.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: A autora declara que não há conflito de interesses a mencionar.